



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O COTIDIANO NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE A COLEÇÃO ÁPIS-HISTÓRIA - SEGUNDO CICLO

Adele Suzana do Carmo Tavares

Universidade Federal do Pará – adelesuzana@yahoo.com.br

Clarice Nascimento de Melo

Universidade Federal do Pará – mnclarice@gmail.com

Resumo: Este estudo aborda o cotidiano no livro didático de história, destacando as práticas de brincar. O tema cotidiano tem ganhado ênfase na historiografia brasileira e inseri-lo como conteúdo nos livros didáticos da disciplina resulta no resgate de uma história que fora ignorada na história tradicional, pois a escrita dessa história privilegiou a história política e os grandes acontecimentos históricos até meados dos anos setenta do século passado. Vinculado ao projeto de pesquisa intitulado Brincadeiras, memórias e ensino de História, este estudo segue na direção dessa crítica e tem como objetivo analisar o lugar e o sentido das ações cotidianas da sociedade brasileira, presentes no livro didático de História do 2º ciclo do ensino fundamental. Para a investigação sobre a inclusão de temas referentes ao cotidiano, privilegiou-se como material de estudo a Coleção Didática Ápis-História do 4º ao 5º ano. Utilizou-se como metodologia a pesquisa documental por ela permitir a utilização de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de diferentes tipos de documentos, podendo ser incluído nesta categoria os livros didáticos. Com o estudo teórico e a análise documental, conclui-se que a coleção Ápis-História dialoga, em grande medida, com as novas orientações curriculares para o ensino de história e discute as questões relacionadas ao cotidiano. Anuncia uma ruptura com a história tradicional. Dessa maneira, evidencia-se que os conteúdos abordados se apresentam ligados ao cotidiano, em temas como e nas práticas de brincar que também são referenciadas na coleção.

Palavras-chave: Ensino de História, Cotidiano, Livro didático.

INTRODUÇÃO

O tema cotidiano tem ganhado ênfase na historiografia brasileira. Considerar esta abordagem no ensino, em especial, na disciplina de História, é um passo muito significativo para a história daqueles que por muito tempo foram excluídos da escrita tradicional da história. Inserir esta temática como conteúdo nos livros didáticos da disciplina resulta no resgate de uma história que sempre existiu, mas que fora ignorada, pois essa história tradicional privilegiou a história política e os grandes acontecimentos históricos abordados



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pela macro história até meados dos anos setenta do século passado (FONSECA, 1993). Sob influência marxista e contrapondo-se a essa história tradicional, a Nova História problematizou a história “vista de cima” e apresentou a necessidade da escrita de uma história “vista de baixo” (BURKE, 1992).

Vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Brincadeiras, memórias e ensino de história”, este estudo segue na direção dessa crítica e se propõe analisar o lugar e o sentido das atividades do cotidiano da sociedade brasileira, presentes na coleção didática Ápis - História do 2º ciclo do ensino fundamental. Utilizou-se como metodologia a pesquisa documental por ela permitir a utilização de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de diferentes tipos de documentos, podendo ser incluído nesta categoria os livros didáticos.

Vistas como expressão das práticas cotidianas, as práticas de brincar também são evidenciadas neste estudo, uma vez que se apresentam a partir das experiências sociais vividas por diversas pessoas de distintas gerações, classes sociais e gêneros, realizadas a partir das interações sociais. Nesta pesquisa apresentaremos, inicialmente, um estudo teórico sobre o cotidiano e as práticas de brincar. Em seguida, apresentaremos a análise realizada sobre a coleção didática, considerando esses temas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é a pesquisa documental que consiste em utilizar métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de diferentes tipos de documentos (SÁ SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

A análise documental foi pensada em acordo com Le Goff (1990) que afirma que o documento não é inócuo, pois não é qualquer coisa que fica por conta do passado, mas uma marca da sociedade que foi produzida pelos que detinham o poder para ser lembrada. Por isso, segundo o autor “só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (p.545). Logo, para este autor o documento é:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante aos quais continuou a ser manipulado, ainda pelo silêncio[...] O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente (LE GOFF, 1990, p. 547-548).

Considerando o que Le Goff (op. cit.) enfatiza sobre o que seja o documento, compreende-se a importância de analisá-lo, ponderando sobre suas intenções. O documento privilegiado para análise é a coleção didática Ápis-História do 4º e 5º ano. A escolha da coleção didática Ápis-História ocorreu por ser ela a coleção que figura como um dos conteúdos didáticos na escola objeto de pesquisa e por se tratar de uma coleção avaliada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), de onde se pressupõe que ela está também inserida em outras escolas da rede pública.

Para isso, foram adotados alguns procedimentos que auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa. Foi realizado inicialmente um aprofundamento teórico a respeito dos conceitos de cotidiano e de práticas de brincar. Em seguida, deu-se início a identificação das temáticas referentes ao cotidiano e as práticas de brincar nos livros didáticos, para seguir com a análise documental, em diálogo com o que os autores estudados apresentam.

RESULTADOS

1. As várias formas de conceituar o cotidiano e as práticas de brincar

A descoberta de “outras histórias” vem favorecendo a temática do cotidiano nos últimos tempos, evidenciando-se uma preocupação da historiografia em abordá-la. Segundo Matos (2002) a vida cotidiana nos estudos históricos ganha força a partir da década de 60 com o estudo de Fernand Braudel e também com outros teóricos da Escola dos Annales. A autora afirma que a produção historiográfica do cotidiano buscou resgatar outras versões do passado, focalizando inicialmente a experiência de sujeitos históricos de diferentes etnias, classes e gêneros.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para Matos (op. cit.) a história do cotidiano é um espaço com um universo de tensões e movimento com potencialidades de confrontos. Logo, segundo a autora, não se pode afirmar que a história do cotidiano privilegie o estático, uma vez que tem mostrado todo o potencial do cotidiano como espaço de resistência à ação de dominação.

As transformações da contemporaneidade têm feito com que os historiadores se debrucem sobre os estudos da memória, o que ocasiona, segundo Matos “impactos na disciplina história, ampliando as inquietações sobre o cotidiano e favorecendo as pesquisas que contemplam a abordagem do urbano” (op. cit., p.33). Sob esse olhar, os estudos históricos também entendem as cidades como espaços que condicionam diversas experiências pessoais e coletivas. Neste aspecto, a autora ressalta que a cidade tanto pode ser registro como agente histórico, destacando-se nesse processo de transformação:

A noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que além de sua experiência material, são codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (Idem, p. 35-36).

O conceito e o significado do cotidiano também são apresentados por Agnes Heller (1970) que aborda a vida cotidiana como parte da construção da vida de qualquer homem, pois é a vida de todo homem. Nesse sentido, o homem, com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, tem participação na vida cotidiana.

A autora afirma que desde o seu nascimento e por toda a sua vida, o homem está inserido em sua cotidianidade e aprende no meio em que vive os elementos da cotidianidade. A vida cotidiana revela-se como a verdadeira essência da substância social por estar no centro da história. Por isso, Heller destaca que “toda façanha histórica real torna-se particular e histórica devido a seu posterior efeito na cotidianidade” (op. cit., p. 20). A partir dessa ideia, a autora afirma que na cotidianidade o homem é, ao mesmo tempo, ser particular e ser genérico, pois ele sozinho nunca poderá representar a essência da humanidade, visto que é fruto e expressão de suas relações sociais. Ou seja, o homem é sempre um humano-genérico por ser



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sempre a integração dele com o seu meio como também com outras diferentes integrações que se relaciona constantemente.

A preocupação dos historiadores em abordar a temática do cotidiano é muito importante para a educação, em especial, para a disciplina história, uma vez que se faz necessário incluir as pessoas comuns para dentro do processo histórico. O resgate das práticas cotidianas possibilita inserir a história de experiências vividas por pessoas que integram diferentes grupos sociais, que ainda não se veem como sujeitos históricos.

Consideradas como ações cotidianas, as práticas de brincar são analisadas como um conteúdo privilegiado no ensino de história.

Diversos estudiosos têm abordado em seus estudos as práticas de brincar com diferentes formas de conceituá-la. Alguns partilham da mesma linha de pensamento, enquanto outros apresentam oposições em suas abordagens sobre a temática.

Bragagnolo, Rivero e Wagner (2013), dialogando com a ideia de Manuela Ferreira defendem a necessidade de mudar a visão sobre o brincar das crianças como uma preparação para o mundo adulto por outra que considere as ações das crianças como uma construção social. A partir dessa ótica, as autoras reconceituam o brincar como uma ação social e como recurso comunicativo das crianças. Para elas “brincar, nessa perspectiva, é um dos meios de realizar e agir no mundo, não apenas para se preparar para ele, mas usando-o como recurso comunicativo, com o objetivo de participar na vida cotidiana pelas versões da realidade que são feitas na interação social, dando significado às ações” (p.2).

Outra forma de conceituar o ato de brincar é descrita por Carvalho e Santos (2013) que apresentam que o brincar pode ser visto como o meio que “a criança não só reproduz a sua realidade, como também recria esta mesma realidade a partir de suas vivências, interações com outras crianças, com os adultos, das histórias que ouve, do que lhe chega pela mídia, enfim, da leitura que ela tem do mundo e das coisas que a cercam” (p.4). Ou seja, por meio do brincar as crianças representam suas experiências vividas com as outras pessoas. Ainda destacam que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao brincar, a criança representa, imita, inventa, (re)cria e (re)interpreta o mundo, revelando-nos o que ela é, demonstrando seus sentimentos, como vê a si e aos outros.

No brincar ela é livre para se expressar e alçar voo rumo ao desconhecido, entregando-se á aventura da descoberta. O simbólico se faz presente no brincar, por meio da criatividade e da capacidade imaginativa de quem brinca. Além de que pelo imaginário pode-se encontrar o sentido do brincar (CARVALHO E SANTOS, 2013, p.4).

Assim, verifica-se que o brincar apresentado por Carvalho e Santos (op. cit.) diverge do conceito defendido por Bragagnolo, Rivero e Wagner (op. cit.), uma vez que as primeiras se preocupam apenas em abordar o brincar como forma de representação, em que a criança imita, reproduz e (re)cria a sua realidade; ao passo que as segundas consideram as experiências cotidianas vividas pela criança, demonstrando que o brincar é um processo de construção social e também comunicativo, pois através de tal prática a criança interage com o meio do qual faz parte.

Numa outra abordagem sobre essa temática, Almeida, Cassimiro e Queiros (2013) não se preocupam em conceituar a prática e sim identificar os espaços destinados ao brincar de crianças da educação infantil que são realizados tanto nos espaços da casa como da escola, sendo a brincadeira de faz-de-conta, a mais desenvolvida na casa em que prevalece a representação de papéis sociais vivenciados historicamente pelos gêneros masculino e feminino, enquanto que na escola tais brincadeiras representam mais o ambiente escolar.

Com relação ao espaço de brincar, Carneiro (2013, p. 3) revela que as crianças de Caetité/BA brincavam tanto na casa como também na rua. Segundo a autora “o ambiente doméstico limitava um pouco as brincadeiras das crianças, principalmente numa cidade interiorana em que o espaço das ruas era bem mais convidativo e que a casa era tida como o lugar das atividades domésticas desempenhadas pelas mulheres”.

Para Maynard e Haddad (2012, p. 2) a brincadeira é fundamentada e inspirada na cultura, pois é uma atividade em que a “criança compartilha e negocia com seus pares significados, regras e papéis sociais do meio em que está inserida”. Complementando esse conceito, Gouvêa (2014) afirma que na brincadeira, ora as crianças se envolvem pela sociedade e pela cultura, ora são produtoras desse processo, pois a brincadeira é um dos meios que a criança pode dar significados às coisas, podendo ser ampliada por meio do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conhecimento produzido pela criança. Para tanto, a autora busca fundamento teórico a respeito das brincadeiras em estudiosos que apresentam suas ideias sobre o tema, como em Benjamin, Vygotsky e em Brougère.

Recorrendo também à contribuição de Bougère, Ponte e Sodré (2014) destacam que para este teórico existe, para cada tipo de brincadeira, diferentes formas de apropriação, estando cada uma relacionada com elementos apresentados no espaço em que a criança vive, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. Dessa maneira, as autoras entendem que “o brincar é resultado do que a criança aprende socialmente, independente da delimitação do espaço” (p.13).

Outro conceito relativo às práticas de brincar é o de cultura lúdica, definida por Salgado, Ferrarini e Luiz (2012:4) “como um conjunto de costumes, regras, significações e experiências lúdicas quer sejam individuais, coletivas e geracionais”. Ainda segundo os autores a diversidade é uma característica da cultura lúdica, devido as diversas faces que assume conforme a idade, o gênero, a classe social das crianças e o contexto em que se realiza.

Nesse aspecto, Salgado (2012) destaca que as culturas lúdicas produzidas pelas crianças são modos singulares de organização social concretizadas no interior dos grupos sociais, uma vez que brincando, elas determinam papéis, códigos e atitudes sociais que são materializados nos seus modos de organização social.

De modo geral, pode-se afirmar que grande parte dos estudiosos compartilha das mesmas ideias sobre essa temática, uma vez que estes apresentam em seus estudos - a prática de brincar-, a partir da relação da criança com o mundo que a cerca, ou seja, essa prática está ligada às experiências cotidianas dos grupos sociais dos quais a criança está inserida. Por meio das ideias expostas pelos/as autores/as é possível compreender a prática de brincar como resultado das interações sociais dos indivíduos representadas nas experiências e vivências que fazem parte de seu contexto histórico.

2. O cotidiano e as práticas de brincar na Coleção Didática Ápis-História



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na Coleção Ápis-História para o 2º ciclo, seus autores Vesentini; Martins, Pécora (2011) preocuparam-se em abordar a história dando ênfase ao cotidiano e às práticas de brincar, apresentando a temática de diferentes formas.

No livro do 4º ano os assuntos abordados referem-se à formação do povo brasileiro, onde o cotidiano será a referência da criança para que ela entenda e perceba as dimensões históricas deste país, as transformações que vem ocorrendo ao longo do tempo considerando o espaço em que vive e as pessoas que participam de sua vida e de sua família. Nesse contexto, a criança é levada ter tais percepções em assuntos como: “o município tem história”, a partir da história sobre o seu município por meio de questões próximas à sua realidade.

No que tange as cidades, por exemplo, no assunto que trata sobre “A vida nas cidades”, os autores destacam os diferentes modos de viver nesse espaço destacando os costumes, os hábitos, valores, entre outros, que foram inseridos por diferentes pessoas que integram as cidades e que ao longo dos tempos vai sendo transformada. Ressalta-se aqui, as memórias das pessoas, que tem destaque na coleção, principalmente nas atividades propostas que buscam resgatar a memória dos integrantes da família das crianças por meio de entrevistas. Desse modo, a cidade é vista como um espaço de intensas transformações perpassadas por experiências pessoais e coletivas de inúmeras pessoas, e conforme Matos (op. cit) pode ser registro assim como agente histórico.

Verifica-se o cotidiano presente também no conteúdo que destaca modos diferentes de viver das pessoas, por exemplo, as que vivem nas cidades urbanas que são influenciados pela agitação das grandes cidades. Mais à frente, esse conteúdo é ampliado por meio de uma atividade que traz ilustrações sobre a rotina de duas famílias, em que se quer alcançar a percepção da criança sobre a forma de viver entre as duas famílias ilustradas relacionada com a sua própria vida.

Referente as práticas de brincar, observamos que estas ainda que sejam abordadas, tem menos ênfase. Esta temática é abordada no capítulo 2 que trata sobre os modos de vida do campo da cidade, sendo relatada nas lembranças de pessoas, apresentadas nas atividades que auxiliam na compreensão da criança sobre as diferenças e semelhanças nesses espaços.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em outro contexto, a brincadeira é apresentada no capítulo 7 que descreve sobre os direitos humanos, afirmando que toda criança tem direitos e deveres, estes por vezes assegurados em lei como na Declaração dos Direitos da Criança que afirma “a criança tem o direito de brincar e de receber uma educação de qualidade”. (p. 127). Neste capítulo também é apresentado como as crianças indígenas brincam, quais seus brinquedos e onde brincam, além de salientar a importância do ato de brincar neste espaço que têm a finalidade de divertir, educar e cumprir regras. Objetivos esses, que são ensinados desde cedo por meio da brincadeira para que elas quando adultas executem suas tarefas.

Já no livro do 5º ano, ao trabalhar a história do Brasil e das Américas, o cotidiano é visto, principalmente, em atividades que auxiliam na compreensão das crianças sobre determinados assuntos, quando é proposto que elas pensem sobre a sua vida cotidiana para assim fazerem comparações com as questões mais amplas. Por sua vez, as práticas de brincar são evidenciadas somente no item: Brincando nas comunidades indígenas, em que ressalta os jogos e brincadeiras desses povos. Para dar início ao assunto é proposto uma problemática às crianças que devem responder questões sobre quais brincadeiras preferem, onde costumam brincar e se as brincadeiras são individuais ou coletivas. Em seguida, se apresenta uma informação histórica e uma atividade para que a criança responda quais brincadeiras indígenas ela conhece e fazem parte de sua vida diária, o que sugere uma descentralidade dos temas que se aproximam das experiências diárias das crianças, levando-as a estudos mais distantes delas.

CONCLUSÃO

Considerando a análise documental, conclui-se que a coleção Ápis-História 4º e 5º anos acompanha as novas orientações curriculares para o ensino de história e discute as questões relacionadas ao cotidiano, contrapondo-se a história tradicional que entre outras elegeu os grandes heróis e tratou a história como política.

Os estudos teóricos resultaram na percepção de que a prática de brincar é uma ação social e está relacionada diretamente às práticas sociais cotidianas, sendo apresentada como uma ação mais praticada pelas crianças. Percebe-se, a partir das ideias dos autores acima



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

citados, que a maioria deles compartilha do mesmo conceito sobre as práticas de brincar, complementando suas ideias e em algumas vezes recorrem aos mesmos teóricos.

Dessa maneira, evidencia-se que os conteúdos abordados estão ligados ao cotidiano, e este é ressaltando tanto no livro didático, quanto nas brincadeiras que também são referenciadas na coleção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. T. F; CASSIMIRO; M. A. D'Ávila, e QUEIROZ, F. C. **Crianças como informante do seu processo de desenvolvimento:** reflexões sobre experiências de Pesquisas tendo crianças como informantes. In: XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste: Anais [Recurso Eletrônico] Organizadores: Alfredo Macedo Gomes e Telma Ferraz Leal, Local: Recife, Brasil: 2013.

BRAGAGNOLO, R. I; RIVERO, A. S., e WAGNER, Z. T. **Entre meninos e meninas, lobos, carrinhos e bonecas:** a brincadeira em um contexto da educação infantil. In: 36ª Reunião Nacional da ANPED –, Goiânia-GO, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/165-trabalhos-gt07-educacao-de-criancas-de-0-a-6-anos>.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História e Geografia. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CARNEIRO, G. A. P. **Na algazarra das brincadeiras e no acalanto das histórias e músicas:** os primeiros aprendizados de criança (Caetité-ba, 1910-1930). In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, Cuiabá-MT, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7>. Acesso em: Agosto de 2014.

CARVALHO, N. C., e SANTOS, T. R. L. Saberes do brincar na ilha de Colares/Pará. In: XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Anais do EPENN. **Trabalhos completos.** Edição atual N° XXI, 2013. Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

FONSECA, S. G. **Caminhos da história ensinada.** Campinas: Papirus, 1993.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GOUVÊA, E. G. Os saberes lúdicos sob o olhar das crianças na escola. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste. Natal, Brasil: **Anais [Recurso Eletrônico]** / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. – Natal, RN, 2014.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas – SP. Ed. UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MATOS, M. I. S. **Cotidiano e cultura: história, cidade e cultura**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MAYNART, R. C. e HADDAD, L. A compreensão das relações de parentesco pelas crianças na brincadeira de faz de conta em contexto de educação Infantil. In: **Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED**, Porto de Galinhas-PE, 2012. Disponível em: <http://www.35reuniao.anped.org.br/trabalhos/106-gt07>. Acesso em: Setembro de 2014.

PONTE, A. E. S.; SODRÉ, L. G. P. A escola e o brincar: o que dizem as crianças do 1º ano do ensino fundamental sobre o brincar na sala. In: **Anais do XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste**. Natal, Brasil: / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. – Natal, RN, 2014.

SALGADO, R. G. “**Pares ou ímpares?**”: consumo e relações de amizade entre as Crianças na formação de grupos para brincar. In: 33ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu-MG, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/internas/ver/trabalhos-gt07>. Acesso em: agosto de 2014.

SALGADO, R. G; FERRARINI, A. R. K. e LUIZ, G. M. **Crianças mirando-se no espelho da cultura: corpo e beleza na Infância contemporânea**. In: 35ª Reunião Anual da ANPED, Porto de Galinhas-PE, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/106-gt07>. Acesso em: setembro de 2014.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**, p. 1-15, n. I, julho, 2009.

VESENTINI, J. W.; MARTINS, D.; PÉCORA, M. **Ápis: História**. São Paulo: Ática, 2011. Obra em 4 v. para alunos do 2º ao 5º ano.